

EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E A IMPORTÂNCIA DO FILOSOFAR

Autor (1): Stênio Marcelo de Lima Costa (1), **Co-autor (1)** Valmir Pereira

(1) *Universidade Estadual da Paraíba;* stênio_np@hotmail.com

(2) *Universidade Estadual da Paraíba;* provalmir@gmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo é de mostrar ao leitor a importância da educação filosófica no ensino médio para o desenvolvimento integral do estudante, tanto no âmbito escolar quanto fora dele, no qual, se enfatiza a relação que o professor deve deter entre a transmissão do conteúdo filosófico com o a arte do filosofar para que essa área do saber realmente tenha uma contribuição significativa na vida dos estudantes. Com este objetivo em mente, para se chegar a uma conclusão satisfatória sobre a relevância da relação entre o transmitir um determinado conteúdo presente no livro didático e o filosofar, que aqui toma como base a maiêutica socrática, foram efetuadas algumas análises por meio de textos filosóficos e sobre ensino de filosofia, no qual, no decorrer da argumentação, mostra-se que para essa área do saber ter uma relevância na vida do estudante, é necessário que estas duas formas de ensino e aprendizado andem em conjunto. Com isto, por intermédio desse estudo, foi concluído que a mera transmissão de conteúdo filosófico não é suficiente para despertar nos alunos o espírito inquietante da filosofia e proporcionar qualidades contribuintes para o desenvolvimento do indivíduo, e para que isso aconteça, é indispensável que o ato de filosofar esteja presente de forma simultânea no ensino de filosofia, isto é, ensinar filosofia e filosofar deve estar a todo o momento ligado um ao outro. Por fim, efetuando esse tipo de metodologia em sala de aula, o professor de filosofia irá contribuir de forma significativa na vida do aluno, pois, com o ensino da história da filosofia junto com a arte do filosofar, os alunos iram desenvolverem atitudes mais críticas e reflexivas sobre si mesmos e sobre o mundo, fazendo assim com que a filosofia tenha uma grande importância na vida do indivíduo.

Palavras-chave: Educação filosófica, Transmissão, Maiêutica, Sócrates, Filosofar.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho iremos elaborar uma análise sobre a importância da educação filosófica no ensino médio, no qual, tomaremos como base a transmissão do conteúdo filosófico junto do ato de filosofar, em que, juntando essas duas atitudes de ensino, a filosofia irá contribuir de forma significativa na vida dos alunos no próprio ambiente escolar e fora dele. Com isto, no decorrer da argumentação, avançaremos nessa relação entre transmissão de conteúdo didático e filosofar, visando alcançar a explicação de, se tal método é um dos mais adequados para se ensinar filosofia e, se seguirmos esse meio, tentaremos descobrir se realmente a filosofia terá uma importância fundamental para a vida dos estudantes.

Em vista disto, realizaremos tal análise restritamente ao ensino de filosofia nos últimos anos escolares, no qual, atentaremos principalmente para a importância do profissional de filosofia, que é o precursor para relacionar a transmissão do conteúdo da história da filosofia e do ato de filosofar, para assim provocar em seus alunos as atitudes essenciais da filosofia, que são basicamente o questionar, o criticar e o refletir.



Com isto, primeiramente iremos esboçar a importância que a educação filosófica tem no ensino médio para o desenvolvimento intelectual, ético e até mesmo de personalidade dos alunos, no qual, esta área do saber irá contribuir de forma significativa no desenvolvimento integral do indivíduo. Mas, para que isso possa ocorrer dessa forma, é necessário que o profissional de filosofia execute o seu trabalho de forma honrosa, isto é, não seja apenas um reprodutor de conhecimentos, caso que iremos analisar de forma crítica no segundo tópico deste trabalho. Em um terceiro momento, iremos apresentar a importância do ato de filosofar, no qual irá ter como embasamento teórico, a maiêutica socrática, visando à atitude provocadora que o professor deve ter para com o aluno em relação ao filosofar, ou seja, o professor deve instigar os seus alunos para que eles pensem por eles mesmos.

Por fim, tentaremos demonstrar um método educacional para o ensino de filosofia, relacionando a transmissão de conhecimento da história da filosofia com o ato de filosofar, pois, acreditamos que dessa forma a filosofia irá ter um papel fundamental para a formação do indivíduo no meio escolar e social. Portanto, o presente trabalho visa alcançar um método prático e atuante da filosofia na vida dos estudantes e de certa forma, ser um oriente ou uma base edificante para os profissionais dessa área do saber que é tão menosprezada por alguns por não produzir algo material.

2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO

Toda população tem em mente a ideia do que seja importante para si mesmo e para o outro, sinal disso é a percepção que podemos adquirir por meio das relações do nosso cotidiano, que desde a pessoa mais ignorante, em termos de conhecimento, até a mais intelectual, ambas, iram concordar que a educação é de suma importância para a formação do indivíduo. Com isto, levando em conta os últimos anos escolares (ensino médio), no qual o aluno está saindo do ambiente escolar e se preparando para uma nova jornada em sua vida, supostamente fora da escola, como por exemplo, em um ambiente de trabalho ou acadêmico, será necessário que estes alunos saiam desse ambiente escolar com qualidades e aprendizados que iram contribuir para o seu novo rumo.

Podemos categorizar tais qualidades e aprendizados que podem e devem ser passados e adquiridos na escola, e que iram também colaborar para a formação do indivíduo no seu novo meio, que é o fora do ambiente escolar, em uma “estruturação de personalidade, do caráter, da ética, da cidadania e da intelectualidade dos estudantes” (CASSOL, 2008, p. 143). Nesse contexto, nada melhor do que a majestosa e antiga filosofia para contribuir de forma significativa nesse

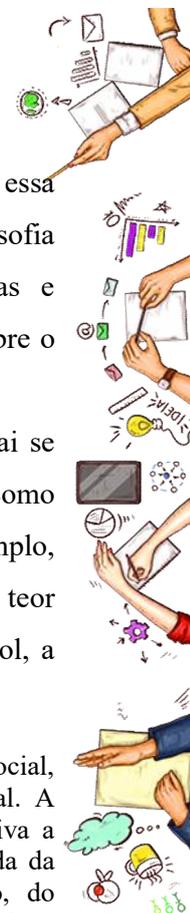
desenvolvimento pessoal e social dos alunos do ensino médio, em que desde os primórdios, essa área do saber se dá ao trabalho de analisar todas essas categorias, pois, ensinar e aprender filosofia tem o papel de conhecer sua história, conquistar uma série de habilidades cognitivas e argumentativas e desenvolver uma atitude diante da realidade e construir um olhar próprio sobre o mundo.

Neste aspecto, a filosofia assume um papel muito importante, pois é ela quem vai se encarregar de sustentar os fundamentos para o desenvolvimento integral do ser humano, pois, como tal saber examina áreas necessárias para as relações pessoais e práticas sociais, como por exemplo, a política, a ética, a justiça, entre outros. Ela também se encarrega de formular no indivíduo um teor crítico sobre si mesmo e sobre o que está ao seu redor, pois, como afirma Claudionei Cassol, a filosofia tem uma missão que basicamente se discute em três atitudes, que são:

A descoberta de si mesmo e a consciência pessoal, princípio da consistência social, atitude primeira, provocadora da auto-reflexão ou reflexão da ética pessoal. A consciência social motiva a crítica institucional, segunda missão, que motiva a crítica da própria escola e do cotidiano dos professores e estudantes. A vida da escola, enquanto instituição social, entra no questionamento do cidadão, do estudante, que se descobre sujeito. Neste segundo momento, então, faz-se a crítica institucional porque há consciência do vínculo direto entre comunidade e instituições: elas são criação social. No terceiro momento, ou missão, dessa discussão, aprofundando o debate filosófico na Escola Básica, é possível a realização da crítica ao Estado, como instituição social e também da própria comunidade. Por fim, concluindo o texto, propõem-se a discussão do valor formativo da Filosofia e de seu espírito inquieto e inquietante (2008, p. 146).

Tendo dito isto, o que é de suma importância no âmbito da filosofia, e que também irá contribuir na vida do estudante no próprio ambiente escolar e mesmo após a escola, é a crítica. Pois, adquirindo tal poder de um olhar crítico, fica mais fácil de tentar entender e perceber tudo aquilo que está ao nosso redor, e de não receber de forma imediata tudo como verdade. E, uma vez que, a filosofia tem em seu íntimo um espírito inquietante, a experiência filosófica irá se basear também em um estranhamento e questionamento de tudo aquilo que nos rodeia.

Com esse estranhamento ou o incômodo que determinada coisa passa a nos proporcionar, no qual antes se tomava como coisa fútil ou sem importância, gera-se simultaneamente um questionamento da mesma, em que o indivíduo irá passar a questionar de maneira interna e externa aquilo que lhe tirou do sono pacífico. Com isto, gera-se o ato de duvidar, no sentido que, por mais provisória que seja determinada dúvida, ela irá contribuir para um avanço do conhecimento de si mesmo e do mundo.



Em vista disto, a filosofia tem o importante papel para os estudantes, que é o de aprimorá-los como pessoa e como sujeito atuante no meio em que se vive e, segundo Cassol:

Estabelecer uma alto-reflexão na comunidade escolar partindo dos estudantes, da realidade que vivenciam, da realidade da escola. Do contexto comunitário. A filosofia tem condições de proporcionar aos estudantes a possibilidade de se conhecerem e re-conhecerem e, então, realizarem uma auto-crítica, uma crítica de suas vidas, de suas existências, das suas histórias, de seus momentos, espaços e tempos (2008, p. 146).

Em consequência do que foi falado, por meio do ensino de filosofia, o estudante irá aprimorar ou desenvolver um olhar crítico sobre si mesmo e sobre o mundo e, obtendo a compreensão daquilo que lhe é estranho e passando a questionar tudo que está ao seu redor, ele passa a ter a aptidão para uma reflexão mais aguçada. Com isto, o sujeito irá movimentar a sua percepção e acomodação do senso comum para um olhar mais reflexivo e construtivo para si mesmo e para o mundo. No qual, “esse pensar-se compõe a atitude primeira da Filosofia na escola, na medida em que possibilita e conduz os sujeitos a refletirem suas existências, suas potencialidades, o meio onde estão inseridos” (CASSOL, 2008, p. 147).

Com isto, como a filosofia basicamente tem como fundamento o estranhamento, o questionar, a dúvida, a crítica e a reflexão de nós mesmos e de tudo que está ao nosso redor. Ela se torna uma disciplina inquietante dentro da escola e na sociedade. “Por isso a Filosofia educativa não pode ser apassivadora porque em sua essência está a inquietação, a busca, a procura permanente” (CASSOL, 2008, p. 147). Procura essa que irá auxiliar os estudantes tanto no âmbito escolar quanto no âmbito social no qual estão inseridos, pois, com essa atitude filosófica o indivíduo passará a ter outros olhares sobre si mesmo e sobre tudo que está ao seu acesso de forma direta ou indireta. Por este motivo, o estudante irá passar a ter a prática da reflexão antes de tomar qualquer atitude, fazendo com que as suas ações sejam mais cautelosas e produtivas para si mesmo e para os outros.

3 TRANSMISSÃO DE CONTEÚDO FILOSÓFICO

Tomando como base o que foi falado anteriormente, no qual foi efetuada uma breve análise sobre a importância da filosofia no ensino médio, vale apenas levar em conta também, que para obter e desenvolver toda essa importância da filosofia para os alunos, é necessário ter um professor que realmente se dedique em ensinar a essência da filosofia, que mostre o seu espírito inquietante. Que não seja apenas um reproduzidor de informações, pois ensinar filosofia não é só o





professor entrar em sala de aula e seguir o protocolo, que é de mandar os alunos fazerem silêncio, abrir o livro na página tal e ler o conteúdo que está no livro didático. Ou seja, ensinar filosofia não é só mostrar a história da filosofia como uma mera transmissão de conteúdo ou repetição do pensamento de determinado filósofo.

Essa mera transmissão de conteúdo dos textos filosóficos também tem a influência que se dá por causa da imposição feita pelos organizadores dos livros didáticos (MEC), que estabelecem os conteúdos a serem dados durante todo o ano letivo e pelo atamento que determinados professores tem somente com o livro didático, em que, segundo Alejandro Cerletti (2009, p. 13):

Os mestres ou professores já não transmitem uma filosofia – ou a sua filosofia –, mas agora, para além do grau de liberdade que tenham para exercer essa atividade, ensinam ‘Filosofia’ de acordo com os conteúdos e os critérios estabelecidos pelos planejamentos oficiais e pelas instituições habilitadas para tal.

Em vista disto, além dessa imposição que nem sempre é cumprida, pois a história da filosofia é muito extensa e mesmo com os recortes que selecionam apenas os pensadores mais conceituados e conhecidos – esse protocolo não se concretiza –, os professores também seguem a risca esse procedimento e não passam para os alunos o verdadeiro espírito da filosofia, não fazem com que se desperte nos alunos o instinto inquietante da filosofia para consigo mesmo e as coisas do mundo.

E isto gera um grande problema, pois vale lembrar também que o ensino de filosofia muitas vezes é ministrado por um não profissional da área somente para cumprir uma exigência legal, ou apenas é transmitido por um professor que não está apto, tanto em termos de conhecimento, como de vontade de passar o verdadeiro significado da filosofia para os seus alunos. Com isto, o ensino dessa área do saber se torna superficial e fragilizada, perdendo assim sua causa final, que é de produzir ou auxiliar ao aluno um espírito indagador, questionador, crítico e reflexivo em torno de si mesmo e do mundo. E, segundo Cassol (2008, p. 150):

O que dizer de uma Filosofia, na Escola Básica, preocupada com conteúdos e provas no final de cada período avaliativo? O que dizer de um professor de Filosofia básica que só vê o *Apeiron*? O que fazer com as escolas básicas para as quais a Filosofia é somente a filosofia da escola? Não dá somente para tê-la, é preciso sabê-la como essencial no processo de autoconhecimento, consciência do cosmos e na ação transformadora do mundo.

Com isto, pelo fato de muitas vezes não ter um profissional adequado ou um mau profissional da área, essa disciplina se torna mal executada e muitas vezes mal vista. Pois, para ensinar filosofia não precisa apenas seguir as regras escolares, de passar determinado conteúdo,



aplicar uma avaliação e medir o conhecimento dos alunos por este meio de burocracia. Ou até mesmo do professor ensinar filosofia se detendo apenas a um só conteúdo que é de seu interesse ou que o domina mais.

Tomando como base o que foi falado até o momento nesse segundo tópico, no qual o problema do ensino de filosofia gira em torno do seguimento do livro didático e da mera transmissão desse conteúdo por meio do professor, dá-se a perceber que o ensino de filosofia muitas vezes é instruído de forma errada ou superficial. Com isto, para que realmente se ensine filosofia da maneira mais significativa possível, é necessário que estes dois fatores básicos, que de certa forma acorrentam os professores, sejam superados. Caso contrário, a filosofia irá permanecer em um senso comum e não irá contribuir em nada para os alunos dentro e fora da escola.

Se desprendendo desses grilhões acima citados, o bom profissional irá ficar mais livre e autônomo em suas aulas. Com isso, ficará mais fácil do professor assumir o papel de um bom educando e se adaptar ao meio onde está vivendo e lecionando, para que com isso suas aulas sejam mais dinâmicas, pois o professor de filosofia irá debater assuntos que condizem com a realidade dos seus alunos, fazendo assim com que as aulas sejam cada vez mais participativas. Com esta atitude e com o vasto arcabouço teórico que a filosofia tem, o papel da filosofia se cumpre, pois:

O compromisso filosófico vai além da atitude de ensinar. Ele ultrapassa o conhecimento da história da filosofia e se utiliza desse conhecimento para estabelecer uma crítica pessoal, uma autocrítica, fornecendo as condições para que os sujeitos possam realizar uma crítica de si mesmos, das suas vidas, das suas existências, de suas histórias, dos seus momentos, das suas perspectivas. É um momento de reflexão (CASSOL, 2008, p. 160).

Com isto, tomando como fundamento a história da filosofia e o trabalho ativo de um bom profissional na área, a filosofia irá servir como uma base resistente para os alunos na vida escolar e pós-escolar, pois, o desenvolvimento cognitivo do indivíduo irá desenvolver-se de forma mais crítica e reflexiva sobre tudo que está ao seu redor, fazendo assim com que suas ações sejam mais cautelosas, mais pensadas ou refletidas. E que também, possa se desenvolver nos alunos, o espírito inquietante que a filosofia proporciona com mais sagacidade, com o intuito de que os alunos se desprendam do senso comum por meio da crítica reflexiva sobre si mesmo e sobre o mundo. Por este motivo que:

O *pensar-se* compõe a atitude primeira da filosofia na medida em que possibilita e que conduz os sujeitos à reflexão de suas existências, possibilidades, potencialidades. Da mesma forma, a refletir sua história, o meio onde estão inseridos. Por isso, a atitude da filosofia educativa, da filosofia na escola básica,



não pode ser apassivamento, ela é essencialmente inquietação, desacomodação (CASSOL, 2008, p. 160).

Por este motivo que o professor de filosofia deve se adequar ao meio onde ele leciona, para que possa despertar nos alunos esse espírito inquietante e, que de forma simultânea, provoque no aluno o ato de refletir sobre si mesmo e sobre o que está em sua volta.

Em vista do que foi falado anteriormente, no qual a tese geral é a relação entre a transmissão de conteúdo filosófico e do papel do professor em sala de aula, pode-se afirmar que:

Se se trata de um curso que se situa na filosofia – isto é, aquele que poderíamos chamar cabalmente ‘filosófico’ –, o que aparece como fundante não é tanto o recorte ocasional de um conhecimento a ser transmitido, mas a *atividade* de aspirar a ‘alcançar o saber’. Desde Sócrates, essa vontade filosófica se expressou através do constante perguntar e perguntar-se. Tal atividade é, justamente, o filosofar, com o que a tarefa de ensinar – e aprender – filosofia não poderia estar nunca desligada do *fazer* filosofia. Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia. Portanto, ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento (CERLETTI, 2009, p. 19)

Com isto, para ensinar a filosofia da forma mais significativa possível, é necessário que o bom profissional se desprenda um pouco do livro didático e olhe para a realidade onde ele e os alunos estão inseridos, para que o conteúdo e a essência inquietante da filosofia sejam adquiridos com mais facilidade e, também, que o professor faça o uso correto e necessário da história da filosofia junto com o filosofar, para que a todo o momento, o aluno tenha uma boa fundamentação teórica e de forma simultânea atos críticos e reflexivos. Só assim, é que a filosofia irá ter um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, tanto para si mesmo, quanto para o mundo. E com as boas referências que essa área do saber nos proporciona e com o ato de filosofar, de questionar, refletir, criticar, é que o aluno irá passar a não tomar mais tudo como verdadeiro e se sobrepor sobre o mundo. Por este motivo que a história da filosofia e o filosofar devem andar juntas.

4 ENSINO DE FILOSOFIA JUNTO DO FILOSOFAR BASEADO NA MAIÊUTICA SOCRÁTICA

Em consequência dos argumentos apresentados no tópico anterior, no qual foi mostrado que só a mera transmissão de conteúdo filosófico não é o bastante para que a filosofia tenha um papel significativo na vida do estudante, vale debater também sobre o filosofar como uma atitude



provocadora da inquietude no aluno, do perguntar e do perguntar-se; para que assim ele possa raciocinar de maneira mais crítica e reflexiva, discutir metodicamente sobre um tema qualquer e alcançar um determinado saber sobre si mesmo e sobre o mundo. Com esta relação entre o ensino de filosofia com o filosofar, que irá ter como base a maiêutica socrática, é que a filosofia realmente se aparece na vida do estudante como algo considerável e importante para sua formação.

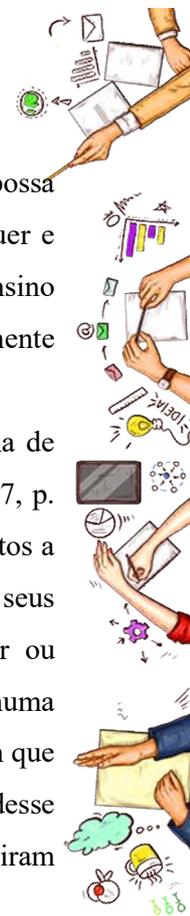
Antes de iniciarmos a argumentação sobre esta relação, é necessário que se defina de maneira prévia o conceito de *maiêutica*, que segundo o dicionário de Nicola Abbagnano (2007, p. 637), maiêutica é: a “arte da parteira; em *Teeteto* de Platão, Sócrates compara seus ensinamentos a essa arte, porquanto consistem em dar à luz conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos”. Com isto, o papel que o professor de filosofia deve assumir, é de precursor ou orientador dos seus alunos para com o conhecimento deles próprios, não impor nos alunos nenhuma ideologia ou forma de pensar, pois assim estaria arruinando o sentido filosófico. E teria também que trabalhar cotidianamente com os seus alunos o processo de ensino e aprendizado por meio desse incentivo, pois, com a junção do conteúdo filosófico e com essa arte de filosofar, os alunos iram começar pouco a pouco a praticar o espírito inquietante da filosofia.

Com isto, segundo Kohan (2009, p. 36), o que Sócrates quer deixar claro, e que também ajuda de forma demasiada ao professor do ensino médio, é que:

a) ele não dá à luz ao saber que seus alunos aprendem, e b) ele é sim a pedra de toque que determina se o que os jovens dão à luz é de algum valor ou não. De modo que a função do professor de filosofia, antes que a de um transmissor, seria a de ser uma pedra de toque, um catalisador, para o exame que uma vida se dá a si mesma.

Em vista disso, o que o professor de filosofia deve fazer, é apenas orientar e filtrar os pensamentos dos seus alunos. Pois, por ele deter de forma mais abrangente e profunda os conhecimentos filosóficos e também muitas vezes da vida, é papel do professor e do educador fazer observações e intervenções para com as manifestações dos pensamentos de seus alunos e, também, tomando como base a história da filosofia e o meio em que vivem os alunos, determinar se tais pensamentos comportam sentido ou não.

Pois bem, elucidada a ideia da transmissão do conteúdo filosófico como ensino da história da filosofia e feito um breve esclarecimento sobre o filosofar por meio da maiêutica socrática, resta-nos juntar essas duas concepções no ensino de filosofia propriamente dito, pois, ensinar filosofia comporta essa duas atitudes e, só assim, é que esta área do saber vai ter importância no desenvolvimento e na vida do aluno. E, como afirma Kohan (2009, p. 38):



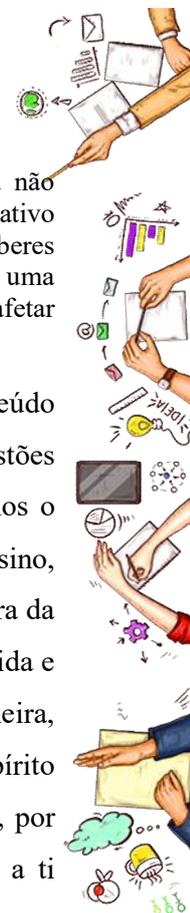
O que está em jogo ao ensinar e aprender filosofia não é se sabemos ou não sabemos distinguir uma falácia de outra, se podemos reproduzir o imperativo categórico de Kant ou se somos ou não somos cartesianos. Claro que esses saberes não são desprezíveis. Mas o que de verdade está em jogo, aquilo que marca uma linha divisória entre a filosofia e a não filosofia, é se de verdade ela chega a afetar o modo de vida daqueles que a compartilham.

Com isto, o que o professor deve ter em vista, não é só a mera transmissão de conteúdo filosófico, como o exemplo citado acima, de que se deve ensinar aos alunos algumas questões básicas da filosofia. Mas, sobretudo, o professor deve ter o dever de provocar nos seus alunos o espírito inquietante, – o filosofar –, para que com isso, tomando essas duas concepções de ensino, que nem sempre andam juntas, a filosofia tenha significância na vida desses alunos dentro e fora da escola. Pois, “o poder a serviço do qual o filósofo está não tem valor apenas para embelezar a vida e mitigar a dor, mas também para se sobrepor ao mundo” (JAEGER, 1995, p. 525). Desta maneira, como o bom professor de filosofia detém esse poder, que é o de provocar no indivíduo o espírito questionador, reflexivo e crítico, ele vai proporcionar a seus alunos uma forma para com que, por meio dos conteúdos filosóficos e com o ato do filosofar socrático, que é o de conhecer-te a ti mesmo, os alunos tenham certo domínio e bons fundamentos para pensar e agir sobre si mesmo e sobre tudo o que está ao seu redor.

Tendo em vista o que foi falado até o momento, e re-tomando a ideia da importância da filosofia no desenvolvimento integral do indivíduo, “Sócrates sugere que a filosofia tem um compromisso com a transformação do pensamento [...] e, quando funciona plenamente, abre um espaço de transformação para uns e outros, em relação com o pensamento que se tem e a vida que se leva [...]” (KOHAN, 2009, p. 83). E isso se dá pelo fato da filosofia ter em sua essência toda uma inquietude inabalável, de desenvolver no aluno um senso crítico e reflexivo para consigo mesmo e para com o mundo, fazendo assim com que o indivíduo passe, primeiramente, a conhecer-se melhor e, posteriormente, conhecer o mundo onde se encontra.

E isso é o papel fundamental do ensino de filosofia, pois, com a sua rica e majestosa história, em termos de conhecimento, e com o auxílio de um bom profissional, que traga para a sala de aula o conteúdo concatenado diretamente com o meio onde ele leciona, provoque no aluno o ato de filosofar, que, segundo Kohan (2009, p. 29) é:

Um mandato, um estilo de vida que não aceita condições, que vale por si mesmo como um princípio incondicional com base no qual se abrem certos sentidos, mas que não pode ser negociado, regateado, restringindo, nem sequer dominado. Nesse modo de vida, filosofar consiste em examinar, submeter a exame, a si mesmo e aos outros. Primeiro chamado para um professor de filosofia exercer sua prática à maneira de Sócrates: examinando-se a si mesmo e aos outros.



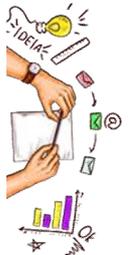
professores de filosofia do ensino médio, no qual, para que essa área do saber seja realizada da forma mais significativa possível, obtenha junto da transmissão do conteúdo da história da filosofia, a arte do filosofar. Pois, por meio dessa metodologia, é que a filosofia irá exercer de forma prática e ativa nos estudantes, o exercício da crítica, da reflexão, da dúvida, do perguntar-se e do perguntar, para que assim, possa despertar no indivíduo sua própria visão de mundo.

Desta maneira, o professor terá que exercer em suas aulas, tomando como base a história da filosofia e também o meio no qual está inserido, o papel socrático de se fazer filosofia, que consiste na arte de provocar no aluno a inquietude diante de si mesmo e do meio onde vive, para que assim o indivíduo passe a refletir mais sobre suas verdades e suas ações. Com isto, para se fazer filosofia, não basta apenas transmitir o conteúdo que se esboça no livro didático, mas, necessita de forma simultânea, que o profissional traga junto do conteúdo filosófico a realidade dos alunos e que tente provocar em cada um deles o espírito inquietante do filosofar. Por esse meio, é que a filosofia irá contribuir de forma considerável para a vida dos estudantes, pois, com a arte do filosofar andando em conjunto com a história da filosofia e com a realidade na qual se encontra os alunos, é que o desenvolvimento cognitivo, reflexivo, crítico e indagador dos mesmos irá se aprimorar e influenciar de forma direta em suas atitudes perante a vida.

Dada à importância do presente assunto, que visa à significância do ensino de filosofia para o desenvolvimento integral dos estudantes, no qual, para que isso ocorra de forma mais considerável e produtiva na vida dos alunos, é necessário que a transmissão do conteúdo filosófico esteja a todo o momento vinculado com a realidade dos estudantes e com a arte do filosofar. E, tomando como base a própria história da filosofia, em que nela não se encontra verdades absolutas, esse é apenas um método que deve ser levado em consideração e mais estudado e aprofundado pelos estudiosos e educadores, pois, a educação não é só a famosa “decoreba” ou a mera transmissão do conteúdo didático. Deste modo, o ensino filosófico deve provocar ou despertar nos alunos seu espírito inquietante, e isso é o papel do filosofar. Com isto, assim como o filosofar, a atitude principal do educador, é de preparar o indivíduo tanto para o ambiente escolar, quanto para a vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes. 2007.





CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. 3ª reimpressão. Trad. Álvaro Lorenci. São Paulo: UNESP, 1999.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção ensino de filosofia).

CASSOL, Claudionei Vicente. **A missão da filosofia na escola básica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. (Coleção filosofia e ensino).

DORION, Louis-André. **Compreender Sócrates**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: EDITORA VOZES, 2006.

JAEGER, Werner. **Paidéia a formação do homem grego**. 3ª Edição. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção ensino de filosofia).

NETO, Manoel Dionizio. **Questões para a filosofia da educação**. Campina Grande: EDUFCG, 2010.

